

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2023

Vencidos da vida ou vencedores?

POR GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

José Duarte Ramalho Ortigão (1836–1915) é uma das figuras mais inesperadas no grupo intelectual que pontuou em Portugal no final do século XIX. Antes do mais, não pertence à chamada geração de 1870, até por motivo de idade, mas também por formação ideológica. Neste ano, em que também se celebram 150 anos da “Questão do Bom Senso e do Bom Gosto” (1865), não se esquece que o escritor terçou armas pelo grupo romântico, em defesa do velho mestre Castilho. Lembramo-nos, aliás, do episódio da Arca de Água em que, no Porto, se defrontou em duelo com o chefe de fila dos iconoclastas, Antero de Quental. No entanto, Ramalho foi professor de José Maria Eça de Queiroz, conheceram-se e fizeram uma amizade durável, e esse facto, associado a terem colaborado na escrita, aproximou Ramalho do célebre grupo que emblematicamente tirou uma fotografia, que vale mil programas, no Palácio de Cristal do Porto, pensando nos cães de um leque, para oferecer a D. Emília, noiva de José Maria. Mais do que por motivos racionais, Ramalho Ortigão inseriu-se naturalmente no grupo de jovens que se propunha com novas ideias pôr o país ao ritmo do mundo civilizado.

Com mais ou menos romantismo, Ramalho compreendeu muito bem que as ideias fluem, nunca param, e que a qualidade do grupo e das suas ideias valia indiscutivelmente a pena. E não esqueçamos o escritor no desempenho das funções de diretor da Biblioteca da Ajuda, seguindo os passos do velho Alexandre Herculano (e em bom rigor também os de Garrett), sendo verdade que os dois maiores mestres do nosso Romantismo foram sempre especialmente considerados pelos novos das Conferências do Casino Lisbonense!

De Garrett, sabe-se que foram as *Viagens* que despertaram a veia literária de José Duarte. E as raízes têm nele uma muito especial função: “o que tenho de bom, física e moralmente, se alguma coisa boa tenho, devo-o às fortes e sadias convivências da minha infância nessa bendita casa de Germalde...”. Depois, passou por Coimbra e não se tornou bacharel, tornando professor de Francês no colégio da Lapa. Cultivava um certo dandismo e era assumidamente

conservador. Mais do que teorias, interessava-lhe saber olhar. No caso do “Bom Senso” defendera o velho Castilho e acusara Antero, conseguindo descontentar todos, por não ser suficientemente claro na defesa do romantismo gasto. Cansado do Porto, vem para Lisboa como oficial da Academia das Ciências, e não mais deixará a capital. Começa a colaboração com o jovem Eça. *O Mistério da Estrada de Sintra* é escrito a duas mãos. É uma experiência folhetinesca, onde se nota o desatar das amarras românticas de Ramalho. Mas o que dirão os dois autores? “Romance execrável (...) porque nele há um pouco de tudo quanto um romancista lhe não deveria pôr, e quase tudo quanto um crítico lhe deveria tirar...”. É uma autocrítica inteligente, de quem sabia da poda. Se Ramalho não é protagonista das Conferências Democráticas, é testemunha e cúmplice, pois *Uma Campanha Alegre* é o abrir de portas, o dar direito de cidade a esse grupo excecional dominado por Antero — “cabeça verdadeiramente enciclopédica, um dos mais sólidos e profundos entendimentos que tem produzido este século, era como a lógica viva daquele foco intelectual”. E como podia o pacato português compreender esse movimento estuante de energia? “Aos vinte anos é preciso que alguém seja estroina nem sempre para que o mundo progrida, mas ao menos para que o mundo se agite. Para se ser ponderado, correto e imóvel há tempo de sobra na velhice”. Eça, e o seu amigo Ramalho, vão usar a verve crítica para apresentar as fragilidades da pátria e a necessidade de uma reforma. O tom de ambos é diferente, isso é particularmente óbvio quando José Maria parte para Havana e deixa o encargo ao amigo de manter a tarefa de farpear. Ao tom demolidor de um contrapõe-se o pendor pedagógico do outro, mas em ambos há poucas contemplações — o que não agradava especialmente às velhas gerações liberais, que se achavam postas em causa (lembremo-nos do que se disse também de *Portugal Contemporâneo*). Sobre a escrita, o mestre Camilo não tem dúvidas: “Você está escrevendo de modo que eu não leio mais ninguém em português”. Os dezassete anos de *As Farpas* constituem um acervo fundamental para se compreender as fragilidades da sociedade nos mais diversos capítulos, mas Ramalho representará a atitude que será, no essencial, para o que Unamuno designou como a idade de ouro da cultura portuguesa, a capacidade de recusa de estarmos condenados a ser pouco relevantes. E, com o tempo, sente-se essa força crítica, que se desvanecerá de algum modo no fim do século com as mortes de Antero, Oliveira Martins e Eça. E se falo de sentido

crítico, devo recordar o apoio de Ramalho Ortigão a Rafael Bordalo Pinheiro no “Álbum das Glórias” e no “António Maria”. Ao lado de Guilherme de Azevedo (João Rialto), sente-se a presença de João Ribaixo, que é naturalmente a inconfundível Ramalhal figura.

Literariamente, Ramalho é ele mesmo. Situa-se na melhor tradição garretiana, com o toque próprio da linguagem naturalista, a caminho do simbolismo. Como os melhores, nunca se submeteu a cânones escolásticos, não se deixando prender pelos ademanos das correntes decaídas. Os livros de viagens constituem um sinal de atenção ao mundo. Olha a sobranceria da pérfida Albion, dá-nos em “A Holanda” uma verdadeira obra de arte, onde lembra que “a fórmula naturalista da arte moderna acha-se inteiramente enunciada depois de duzentos anos na obra dos pintores holandeses”. E é em viagem em Veneza que tem a notícia da morte do “mais amado, o mais fiel, o mais honrado companheiro da melhor parte da minha vida” — o seu querido José Maria. No tocante à arte portuguesa e ao património cultural, Ramalho foi pioneiro. Não importa que não tenha sido um especialista ou um estudioso. Foi o melhor divulgador. Mesmo assim, sob o pseudónimo Simplício Feijão (1884), disse que a arte não poderia contentar-se em ser simples teoria do gosto, devendo ser análise objetiva da obra e do fenómeno artístico...

Eu em vez de crítico de arte sou apenas um simples e modesto artista da crítica, sou um comunicador de impressões pessoais, um viandante que passa, através do seu tempo, contando coisas que viu e dizendo os sentimentos que algumas dessas coisas lhe inspiraram.

E isso foi fundamental. Como tinha acontecido na velha revista *Panorama* no tempo de Herculano, Ramalho Ortigão tornou-se um defensor ativo do que designaremos como património material e imaterial, contra a degradação e o mau gosto. Seguindo as pisadas do mestre Joaquim de Vasconcelos propôs a realização de estudos, de inventários, de planos de salvaguarda. Chamou a atenção para a janela do Convento de Cristo de Tomar ou para a pintura de Nuno Gonçalves e antecipou a importância do Turismo (*Praias de Portugal, Banhos de Caldas e Águas Minerais*). Nos últimos anos, sente a falta de quem tivera por companheiros, mas o sentido geral da sua obra estava traçado. Não o esquecemos!

* * *

Refiramos agora os *Vencidos da Vida*, em que Ramalho teve papel de primeiro plano. Sigamos a sua cronologia. Os convivas iniciais teriam sido os parlamentares das duas câmaras — Ficalho, Oliveira Martins, Carlos Lobo d'Ávila e António Cândido Ribeiro da Costa. O primeiro de todos os ágapes foi no restaurante Tavares e seguiu-se ao discurso do Conde de Ficalho na Câmara dos Pares de 28 de junho de 1888, em que se denunciava a inaceitável paralisia da vida política. Logo em julho de 1888, Oliveira Martins, nas colunas de *O Repórter* perguntava: “Por que não haverá um jantar semanal, um jantar alegre e até um bom jantar, a carta constitucional de um partido novo?”. Mas, a que se deve a designação de “Vencidos da Vida”? O autor de *Os Filhos de D. João I*, ao ouvir, nesses dias, o seu vizinho do terceiro andar da Calçada dos Caetanos, José Duarte Ramalho Ortigão (que indicara a casa ao amigo comum Eça), ler uma descrição sobre a voga parisiense dos jantares, achou que podia usar o exemplo. À semelhança do caso referido na circunstância da Villa de Médicis — «les uns glorieux, les autres battus de la vie» — eis que o historiador considera ser uma boa ideia para o novo grupo: Vencidos da Vida... «Battus de la vie» — eis o que somos. E aqui a palavra é mais fiel se significar «zurzidos», em vez de significar «vencidos», sem mais... Aos parlamentares, seguiram-se os literatos (Ramalho, Eça, Junqueiro) e depois os palacianos, próximos do príncipe D. Carlos (Bernardo Pindela, Conde de Sabugosa, Marquês de Soveral e Carlos Mayer). Esclareça-se que é esse o grupo alargado que está em causa, nos jantares de 1889. E é o *Tempo*, jornal de Carlos Lobo de Ávila, que nos permite fazer o seu elenco. Em 16 de fevereiro de 1889, juntam-se oito em casa de Bernardo Pindela (Ficalho, Sabugosa, Ramalho, Oliveira Martins, António Cândido, Carlos Mayer e Lobo de Ávila). Em 11 de março, há jantar no Hotel Braganza. A 20, “os vencidos” encontram-se no mesmo hotel para acolher Luís de Soveral, chegado de Londres, onde era 1.º secretário da Legação portuguesa. Em 26 de março, ainda no Braganza, recebem Eça de Queiroz, vindo de Paris, tendo Guerra Junqueiro justificado a falta, por se encontrar no Minho, com o envio de dois alexandrinos. Em 29, foi a vez de Carlos Mayer oferecer jantar em sua casa, a que também não compareceu Junqueiro. Neste caso, Ramalho Ortigão e António Cândido tocaram rabeca, tendo todos seguido para o S. Carlos, onde se cantava o *Otelo* de Verdi.

Mas voltemos à lista: a 10 de abril, encontraram-se no Restaurante Tavares e no dia 2 de maio regressaram a S. Domingos, à Lapa, para almoçar em casa de Bernardo Pindela. Tudo parece apontar, assim, para que tenha tido lugar nesse dia 2 de maio de 1889, quinta-feira, que permitiu a Augusto Bobone (1852–1910) realizar as fotografias que chegaram até nós, nas quais apenas falta António Cândido. Na semana seguinte, o regenerador António Serpa Pimentel foi convidado pelo grupo, no Braganza (o que causou grande vozearia e especulação política). No dia seguinte, Jorge O'Neill convidou para sua casa, tendo faltado Junqueiro, Pindela e Cândido. Em 14 de maio, houve jantar em casa do Conde de Valbom, com a presença de Junqueiro, Eça e Oliveira Martins, Pindela e Alberto Braga. A 17 de maio, uma sexta-feira, celebraram-se os 29 anos de Carlos Lobo de Ávila, em casa de seu pai, o Conde de Valbom, onde foi cantado, com versos de Sabugosa, o hino humorístico do grupo, com música da “Rosa Tirana”.

Leia-se o que diz *O Tempo*: “Para festejarem o aniversário do nosso amigo Carlos Lobo d’Ávila reuniram-se ontem nas salas dos senhores condes de Valbom algumas das famílias mais íntimas de S. Ex.^{as}, demorando-se ali até perto das 2 horas da madrugada. Conversou-se agradavelmente, dansou-se com o mais vivo entrain e cantou-se magistralmente. O serviço do bufete foi o mais profuso e delicado...”. Por fim, a 21 de maio, houve novo jantar em S. Domingos, à Lapa, a que faltaram Ficalho e Sabugosa. Esta é a lista coeva. Há, pois, um cliché tirado ao almoço de 2 de maio e só uma fotografia, realizada em estúdio, com a equipa completa dos onze membros, de que não temos indicação quando foi realizada em 1889.

Eça referirá ainda um “jantar de Vencido” em Paris com Luís Soveral, na Maison d’Or, com bacalhau, após o que foram, com o Príncipe D. Carlos, visitar a Torre Eiffel, em 27 de agosto de 1889. E António Cândido dirá, em entrevista a Gomes Monteiro (*ABC*, 16-03-1922):

Oh! Os Vencidos da Vida! — como isso vai distante. (...) A ideia da formação do grupo surgiu um dia, espontânea, imprevista, entre uma colherada de doce e uma gargalhada de champanhe no restaurante Tavares, na rua Larga de S. Roque. Oliveira Martins lembrara o título Vencidos da Vida, que todos aplaudiram e, pouco depois, o Conde Sabugosa compunha uns versos que, com música da Rosa Tirana constituíam o hino do nosso grupo. (...)

Soltando sempre as suas gargalhadas espirituosas e cáusticas continuavam a fazer servir jantares elegantes em que se chegou a gastar dezoito vinténs de pão e bacalhau e dezoito mil réis de champanhe...

E a “águia do Marão” lembrava ainda o jantar de despedida, oferecido a Antero de Quental, de finais de maio de 1891, no Tavares:

Pobre amigo! Parece-me estar a vê-lo... No seu olhar melancólico e profundo, em que se adivinhava a nostalgia do Além, pairava já a visão da morte que tão tragicamente o arrebataria. Pobre Antero!

Sabugosa (lembrado por Silva Gaio) disse que o “vencidismo” era difícil de classificar. “Foi um estado de espírito originado de afinidades já existentes e das que uma convivência delas nascida, mais avolumou e multiplicou”. E Eça recordou que os detratores talvez se irritassem pelo facto de se chamarem a si Vencidos “aqueles que para todos os efeitos públicos parecem ser realmente vencedores”. Este, no fundo, é o grande tema. A cultura portuguesa do século xx foi profundamente marcada por esses homens que se chamaram de vencidos criticamente por causa daquilo que Eduardo Lourenço sintetizou: “interrogávamo-nos apenas pela boca de Antero e de parte da sua geração, para saber se ainda éramos viáveis, dada a, para eles, ofuscante decadência”. Daí Unamuno ter considerado esse o nosso século de ouro. Não poderia haver fatalismo, mas sim sentido crítico, para que os mitos não se tornassem bezerros de ouro.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 1 DE OUTUBRO DE 2015)